

O MITO DE NARCISO: UMA REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA

ABREU-BERNARDES, Sueli Teresinha – UNIUBE – abreubernardes@terra.com.br

ET: Educação, arte e filosofia / n.º 01

O mito de Narciso possui várias versões, mas é recorrente a narrativa de um belo jovem que se apaixona por sua própria imagem refletida nas águas de um lago. A versão literária mais conhecida é a que se encontra em *As Metamorfoses* (756-762 d.C), de Ovídio (711-771 d.C), da qual apresento um recorte, seguido de uma leitura de John William Waterhouse (1849-1917) sobre esse mito. Este texto é oriundo de pensamentos que acompanharam a leitura e a análise do livro *Grande Sertão: Veredas* (ROSA, 1994) e seu objetivo é realizar uma reflexão sobre esse mito, próxima à fenomenologia de Gaston Bachelard.

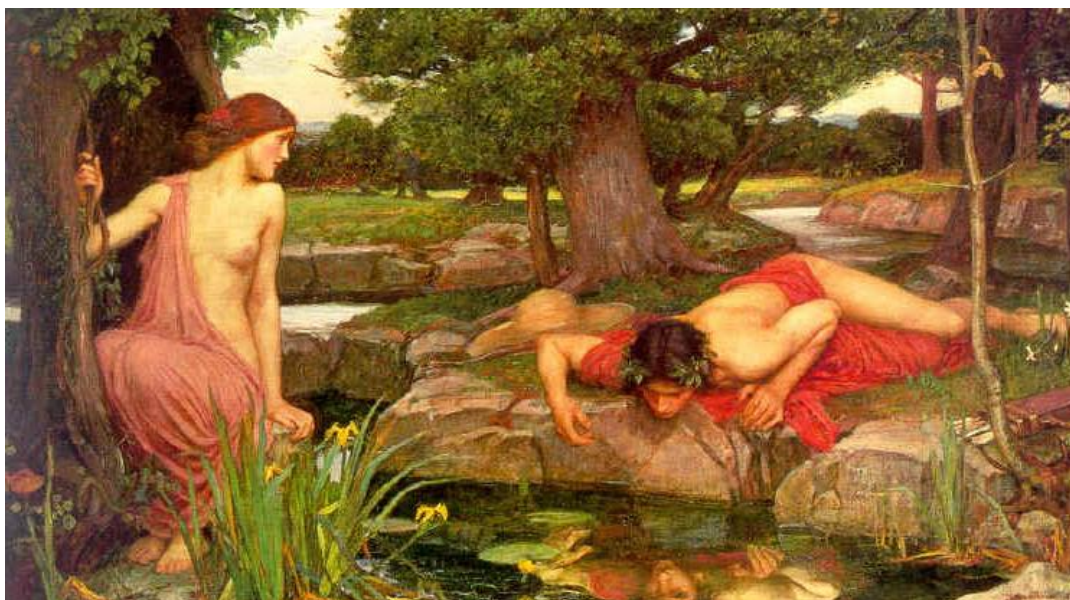
Filho de dois seres relacionados à água, o deus-rio Cephisus e a ninfa Liríope, Narciso era

um menino tão lindo que as Ninfas já eram apaixonadas por ele desde pequeno. Narciso era seu nome. Tirésias, consultado para saber se a criança teria uma longa vida, respondeu: “Sim, desde que não se conheça”. [...] Eco o viu num dia em que ele caçava cervos tímidos. Eco, [...] naquele tempo ela ainda era uma ninfa, e não uma simples voz. Mas, embora tagarela, sua voz só servia para redizer, como hoje, as últimas palavras que ouve. [...] Ela viu Narciso caçando na floresta e se apaixonou. [...] Mas ele se afasta, “prefiro morrer a te pertencer”, disse ele. [...] As outras Ninfas que moram nas montanhas ou nas fontes também sofreram o desprezo de Narciso. Finalmente, uma delas, [criando coragem], levantou as mãos para o céu e praguejou, em seu desespero: “Que ele também ame, por sua vez, sem ser amado!” [...] Perto dali havia uma fonte cuja água era pura, prateada, desconhecida dos pastores, [...]. Foi ali que, cansado da caça e do calor do dia, Narciso foi se sentar, atraído pela beleza, o frescor e o silêncio do lugar. Mas, enquanto saciava a sede que o devorava, sentiu nascer outra sede, mais devoradora ainda. Seduzido por sua imagem refletida na superfície, ele apaixonou-se por sua própria imagem. Ele confere corpo à sombra que ama: admira-se, fica tão imóvel a olhar que parecia uma estátua de mármore de Páros. Debruçado sobre a superfície, ele contempla seus olhos que pareciam dois astros brilhantes, seus cabelos dignos de Apolo e de Baco, sua face matizada pelos brilhos da juventude, o seu pescoço branco como mármore, a graça de sua boca, as rosas e lilases de sua tez. Ele admira enfim a beleza que o leva a admirar. Imprudente! Ele se apaixona por si mesmo: ele é, ao mesmo tempo, amante e objeto amado; [...] Deitado sobre a grama espessa e florida ele não pode deixar de contemplar a imagem que o desconcerta. [...] Ele chora, a água se turva, [...] Narciso vê sua imagem dilacerada. [...] E, como a cera que derrete com uma leve chama ou o orvalho que se dissipa aos primeiros raios do astro do dia, assim, queimando com uma chama secreta, o infeliz consuma-se e morre. [...] Já se havia preparado a fogueira, as tochas, a cova; mas o corpo de Narciso havia desaparecido; e no seu lugar as Ninfas só

encontraram uma flor de ouro, coroada de alvas folhas. (OVÍDIO, Metamorfoses, III, 340-510).

Na leitura do mito de Narciso é possível identificar vários pares antagônicos como Eco-Narciso e Cephisus-Liríope. Para o propósito deste estudo, comento apenas o primeiro par de opostos.

Eco, a ninfa filha do ar e das montanhas, representa a voz da criação. Segundo o filósofo da imaginação criadora, “Eco está incessantemente com Narciso. Ela é ele. Tem a voz dele. Tem seu rosto. Ele não a ouve num grande grito. Ouve-a num murmúrio, como o murmúrio de sua voz sedutora, de sua voz de sedutor” (BACHELARD, 1998, p. 25). A ninfa não pode, pois, ser separada de Narciso. No entanto, Eco possui personalidade própria, ainda que não consiga expressá-la. O



John William Waterhouse, Eco e Narciso, 1903.

seu repetir pode ser interpretado como a tentativa de elaboração e re-elaboração de seu discurso. O conflito da palavra é o seu momento crítico; pela repetição, procura exprimir-se e, desse modo, adquirir identidade e coerência. A punição que lhe é imposta é a condenação a não expressividade. Eco sofre pelo obstáculo à expressão verbal de seu amor por Narciso e simboliza a importância que os antigos atribuíam ao tema da palavra.

O valor à palavra é enfatizado por Guimarães Rosa. Em uma de suas falas na entrevista concedida a Günter Lorenz, em Gênova, em 1965, ele afirma que um de seus objetivos é restaurar a palavra da língua adâmica para ascender o homem ao

paraíso terrestre original. Rosa, o “homem do sertão”, inventa uma espécie de língua nova, ao des-montar o fraseado do dia-a-dia, a fim de, como um deus, re-criar o mundo com a palavra. Segundo o próprio autor diz nessa entrevista:

[...] há meu método que implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original. Somente renovando a língua, é que se pode renovar o mundo. (ROSA, 1994, p. 51).

O escritor mineiro busca a palavra original, não só em seus conhecimentos idiomáticos, como na terminologia cotidiana do sertanejo a quem ele sempre recorre para expressar o português tal qual é utilizado no sertão, o que resulta em “livros escritos em um idioma próprio”, insubmissos à opressão da gramática e dos dicionários, arquitetados pelos opositores à poesia. (ROSA, 1994, p. 44). Ao dedicar-se à palavra escrita, o regionalista do Gerais oferece um universo devaneante, o que atenderia os critérios de Bachelard que trata os devaneios escritos a partir de seus próprios devaneios.

Se para Eco, no mito de Narciso, a palavra é apenas símbolo, ainda assim é o instrumento apto a levar o ser humano, em sua interioridade, ao diálogo com o semelhante. Ao reaver o poder da palavra — propósito de Eco — Guimarães Rosa narra a experiência dos homens e as relações entre homem e mundo, entre homem e homem, entre o homem e a sua própria consciência. As palavras são encadeadas sob a forma de narrativa porque, segundo o próprio Guimarães Rosa

[...] nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar estórias: já no berço recebemos esse dom para toda a vida. Desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode assemelhar-se a uma lenda cruel. Desse modo a gente se habitua, e narra estórias que correm por nossas veias e penetram em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens. (ROSA, 1994, p. 43).

Desse texto depreendo que as palavras são manifestações da alma humana, da identidade do indivíduo, do sentido da vida e da compreensão da realidade. Penso que dizê-las poeticamente é o intuito de Rosa e é igualmente a necessidade percebida por Bachelard para expressar um conhecimento do mundo — “cada objeto contemplado, cada grande nome murmurado é o ponto de partida de um sonho e de um verso [ou de uma prosa poética], é um movimento lingüístico criador”. De início, o objeto poético, não é real. Ele é, sim, um bom condutor do real. No entanto, quando as imagens desses objetos emergem, impõe-se “o realismo da

irrealidade”. Essas imagens que, em princípio, assemelham-se a miragens para o homem que reflete sobre o mundo, encerram, no entanto, uma realidade psicológica inegável, pois a imaginação livre, criadora e afoita leva o homem ao “além psicológico”, e, nesse sentido, a linguagem poética que as traduzem é profética (BACHELARD, 1990, p. 5-6), a palavra é manifestação do real e do irreal.

Se a natureza de Eco é dialógica, se busca a palavra, em Narciso a vida é monológica. Se em Eco identifica-se o duplo da voz, em Narciso, a imagem é o duplo do olhar. Narciso é o símbolo da consciência, da busca de si mesmo. Para compreender a importância dessa personagem na Grécia Antiga, é preciso lembrar que não se compreendia introspecção no sentido que se dá ao termo hoje. Ao contrário, segundo Vernant e Naquet (2002, p. 84) para os helenos, ao buscar a si mesmo, o indivíduo procura-se e encontra-se no outro.

No reflexo das águas, Narciso contempla o seu duplo e é contemplado por outro ser silencioso e cheio de mistério. É o símbolo do encontro do ser com o eu pleno, com o mundo interior, do ser que quer se conhecer e se reconhecer. Segundo Gaston Bachelard (1998, p. 25), é junto à natureza que “Narciso tem a revelação de sua identidade e de sua dualidade, [...] a revelação, sobretudo, de sua realidade e de sua idealidade”. É onde, portanto, a reflexão se faz mais autêntica e reveladora.

Para o filósofo do devaneio poético, “os espelhos são objetos demasiado civilizados, demasiado manejáveis, demasiado geométricos; são instrumentos de sonho evidentes demais para adaptarem-se por si mesmos à vida onírica”. Toda poética deve abranger componentes de essência material, ou mais especificamente, deve associar-se a um dos quatro elementos fundamentais de Empédocles. Em contacto com a natureza o eu devaneador contempla-se e é revelado pelos rios, lagos, riachos e pelas fontes. É junto à água natural que “a imaginação se abre às mais longínquas metáforas; participa da vida de todas as flores” (BACHELARD, 1998, p. 4, 25).

O espelho natural das águas reflete um mundo de sonhos. “Diante da água que lhe reflete a imagem, Narciso sente que sua beleza continua, que ela não está concluída, que é preciso concluí-la” (BACHELARD, 1998, p. 24). Ou seja, a reflexão é um processo ao longo da vida.

Em Grande Sertão, se para os jagunços a água é um lugar de empecilho, um rio que eles precisam atravessar, ou é um espaço duplamente pragmático para se refrescar, para limpar o corpo, para beber água e para fazer comida, para Riobaldo é

o lugar da introspecção. Não é no alto das montanhas, porque no sertão há muito poucas, algumas vezes será na imensidão do cerrado, mas quase sempre é nas proximidades da água.

É no local onde Narciso se viu, e conseqüentemente morreu, que Riobaldo se avista e se encontra, vendo-se não a si mesmo, mas a água. Ou seja, há uma curiosa oposição: Narciso, que era um ser de extrema beleza, não podia reconhecer-se, tomar consciência de si. Quando se olha, apaixona-se por si mesmo e morre. Riobaldo, ao contrário, quando vê a água, ele não se vê, ele não vai à busca da própria imagem. É olhando a água, a calmaria da água de uma lagoa ou o fluir da água do riacho, que Riobaldo pensa como filósofo, e no devanear ele vai além da simples contemplação e alcança um sentido.

Referências

ABREU-BERNARDES, S. A.. A poiésis do professor-filósofo. In: SOUZA, R. C. C. R e MAGALHÃES, S. M. O.. **Professores e professoras: formação: poiésis e práxis.** Goiânia: Editora PUC GOIÁS, 2011, p. 139-159.

BACHELARD, G.. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.** Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.** Tradução: Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OVÍDIO. Metamorfoses. In: CARVALHO, R. N. **Metamorfoses em tradução.** 2010, 158f. Tese (Pós-doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010,

ROSA, J. G.. **Guimarães Rosa: ficção completa em dois volumes.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

VERNANT, J. P. e VIDAL NAQUET, P.. **Mito e tragédia na Grécia antiga.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

WATERHOUSE, J. W.. **Eco e Narciso**, 1903. Óleo sobre tela, 450 x 275. Liverpool, Inglaterra. Walker Art Gallery.